



RUMOS DA PESQUISA BRASILEIRA EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E A INTERSECCIONALIDADE

DIRECTIONS OF BRAZILIAN RESEARCH IN SCHOOL PHYSICAL EDUCATION AND INTERSECTIONALITY

DIRECCIONES DE LA INVESTIGACIÓN BRASILEÑA EN EDUCACIÓN FÍSICA ESCOLAR E INTERSECCIONALIDAD

Suelen Gonçalves de Oliveira Cortes


<https://orcid.org/0009-0005-3938-7438> 


<http://lattes.cnpq.br/2337897244502750> 

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas (Muzambinho, MG - Brasil)

suelen.cortes@educacao.mg.gov.br

Mateus Camargo Pereira

<https://orcid.org/0000-0003-2015-0260> 

<http://lattes.cnpq.br/5911691783019253> 

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas (Muzambinho, MG - Brasil)

mateus.pereira@ifsuldeminas.edu.br

Resumo

A interseccionalidade é uma das ferramentas teórico-metodológicas possíveis para entender as múltiplas opressões. Pensar a convergência da interseccionalidade, educação e mais especificamente a Educação Física é de fato importante, visto que no ambiente escolar nos deparamos frequentemente com desigualdades e preconceitos. Sendo assim, o objetivo deste trabalho é mapear os estudos sobre a Educação Física escolar e a interseccionalidade em periódicos nacionais e dissertações elaboradas no âmbito do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF) entre os anos de 2013 e 2023. Os resultados apontam para uma variedade de trabalhos que tratam de classe, raça e gênero, alguns deles sem utilizar o termo interseccionalidade, porém são poucos os estudos que propõem uma abordagem interseccional para esses marcadores. A apropriação da categoria interseccionalidade como um recurso analítico pode contribuir para uma atuação profissional comprometida com o reconhecimento das diferenças.

Palavras-chave: Educação Física Escolar; Interseccionalidade; Estado da Arte; Marcadores Sociais.

Abstract

Intersectionality is one of the possible theoretical-methodological tools to understand multiple oppressions. Thinking about the convergence of intersectionality, education and more specifically Physical Education is indeed important, given that in the school environment we often come across inequalities and prejudices. Therefore, the objective of this work is to map studies on school Physical Education and intersectionality in national journals and dissertations prepared within the scope of the Professional Master's Program in Physical Education on a National Network (ProEF) between the years 2013 and 2023. Results point to a variety of works that deal with class, race and gender, some of them without using the term intersectionality, but there are few studies that propose an intersectional approach to these markers. Appropriating the intersectionality category as an analytical resource can contribute to professional performance committed to recognizing differences.

Keywords: School Physical Education; Intersectionality; State of the Art; Social Markers.

Resumen

La interseccionalidad es una de las posibles herramientas teórico-metodológicas para comprender las múltiples opresiones. Pensar en la convergencia de la interseccionalidad, la educación y más específicamente la Educación Física es realmente importante, dado que en el ámbito escolar a menudo nos topamos con desigualdades y prejuicios. Por lo tanto, el objetivo de este trabajo es mapear estudios sobre Educación Física escolar e



interseccionalidade em revistas e dissertações nacionais elaboradas em el âmbito de la Maestría Profesional en Educación Física en Red Nacional (ProEF) entre los años 2013 y 2023. A una variedad de trabajos que abordan la clase, la raza y el género, algunos de ellos sin utilizar el término interseccionalidade, pero son pocos los estudios que proponen un enfoque interseccional de estos marcadores. Apropiarse de la categoría de interseccionalidade como recurso analítico puede contribuir a un desempeño profesional comprometido con el reconocimiento de las diferencias.

Palabras clave: Educación Física Escolar; Interseccionalidade; Estado del Arte; Marcadores Sociales.

INTRODUÇÃO

A interseccionalidade como conceito aparece pela primeira vez em um texto escrito pela jurista afro-americana Kimberlé Crenshaw (1989), publicado em 1989 (Assis, 2019) e, apesar do termo ter se popularizado a partir da segunda metade dos anos 2000 sua origem precede o conceito e remonta ao final dos anos de 1970 a partir do movimento conhecido como Feminismo Negro (Hirata, 2014).

O conceito da interseccionalidade “trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras” (Crenshaw, 2002, p. 177). Isso ajuda a compreender que a interseccionalidade não é uma soma e nem uma hierarquia de opressões e sim o cruzamento entre elas, existem juntas e de maneira inseparáveis.

Uma consciência política interseccional se apresenta como urgente no cenário atual, pois concede um potencial crítico para a construção de coalizões políticas não opressivas no intuito de produzir conhecimento, incentivar o ativismo, pedagogia, coalizões não opressivas contra hegemônicas e transformadoras (Bilge, 2018). A partir da interseccionalidade deixamos de olhar para as opressões e desigualdades sociais estritamente pelas lentes de raça, classe e passamos a compreendê-las pelas interações entre categorias de poder (Collins; Bilge, 2021).

O estudo sobre a interseccionalidade não ficou restrito aos estudiosos e estudiosas estadunidenses, tendo sido amplamente difundido. No Brasil podemos citar como precursora a intelectual, autora, ativista, professora, filósofa e antropóloga brasileira Lélia Gonzalez (1935-1994) que, ainda que sem utilizar o termo interseccionalidade, discutia conexões entre raça, classe e gênero. Para a autora, o racismo atrelado ao sexismo gera violência principalmente para a mulher negra (Gonzalez, 1984). Akotirene (2019, p. 56) afirma que “a interseccionalidade pode ajudar a enxergarmos as opressões, combatê-las, reconhecendo que algumas opressões são mais dolorosas. Às vezes oprimimos, mas às vezes somos opressores.”





A interseccionalidade olha para como os marcadores sociais influenciam a vida das pessoas, eles estão totalmente articulados com os princípios da equidade e precisam ser levados em conta para garantir a qualidade da educação. Assim, entender a interseccionalidade é papel fundamental para pensarmos a equidade na educação.

No livro "Interseccionalidade" as autoras Patrícia Hill Collins e Sirma Bilge citam a obra *Pedagogia do Oprimido* (1974), de Paulo Freire, como essencial para o entendimento dos estudos interseccionais, já que o educador brasileiro se opunha a utilizar apenas a classe social para analisar as relações de poder, o termo "oprimido" traduz as diversas desigualdades sociais como de etnia, cidadania, raça e idade. Para as autoras é importante que todos compreendam a relação entre interseccionalidade e educação, sobretudo no que diz respeito à justiça social (Collins; Bilge, 2021).

Pensar a convergência da interseccionalidade, educação e mais especificamente a Educação Física, é de fato importante, visto que o ambiente escolar reproduz os problemas sociais e, com frequência, presenciamos explicitamente a discriminação enfrentada pelas classes menos favorecidas, o preconceito com a pessoa com deficiência, com o imigrante, o racismo estrutural, a homofobia e outras formas de violência contra mulheres, negros(as), gays, dentre outros. Além disso, deparamo-nos com a dificuldade dos(as) professores(as) em lidar com os conflitos identitários que atravessam o cotidiano das aulas de Educação Física, muitas vezes silenciando e invisibilizando as hierarquizações, ampliando as opressões (Auaud; Corsino, 2018).

Ao analisar as aulas mistas na Educação Física escolar e toda a dinâmica das relações de gênero nesse processo, Altmann (1998) já anunciava em seu trabalho uma visão interseccional quando indicou o cruzamento do aspecto identitário gênero a diversas outras categorias, dentre elas, habilidade, idade, raça e classe social. Assim como Altmann (1998), Dornelles (2007) indicava em seus trabalhos uma práxis interseccional, ainda que sem utilizarem o termo interseccionalidade. Sobre o tema da separação de meninos e meninas nas aulas de Educação Física, Dornelles (2007, p. 95) acrescenta que "[...] é importante marcar que o corpo é, sempre, resultado provisório e inacabado. Atravessado e constituído por categorias sociais como classe, geração, raça/etnia, gênero e sexualidade, pode ser significado de diversas formas".

Ao considerar esse amplo e diverso cenário a interseccionalidade se apresenta como uma das ferramentas teórico-metodológicas possíveis para entender e lutar contra as





múltiplas opressões presentes no contexto da Educação Física escolar. Como afirma Freire (1996, p. 17): “A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia.” Portanto, podemos aplicar o conceito da interseccionalidade e de todas as discussões sobre o tema para nos inquietar e nos fazer repensar sobre nossas práticas possibilitando igualdade e oportunidade educacional para todos(as) os(as) estudantes, independente de suas identidades.

No intuito de mapear e identificar como a interseccionalidade é referenciada na produção científica da Educação Física escolar, optamos por uma proposta de investigação pautada por uma metodologia denominada “estado da arte” ou “estado do conhecimento”. Os estados da arte “fazem parte do grupo das chamadas pesquisas bibliográficas [...] e também estão relacionadas com a identificação das contribuições científicas sobre um tema específico junto à literatura disponível” (Teixeira, 2022, p. 4).

Para tal fim, a partir dessa metodologia, o objetivo deste trabalho é mapear os estudos sobre a Educação Física escolar e a interseccionalidade em periódicos nacionais e dissertações elaboradas no âmbito do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF) entre os anos de 2013 e 2023. Mais especificamente, buscamos identificar como esses autores mobilizam o conceito da interseccionalidade nos trabalhos da Educação Física escolar.

DELINEAMENTO METODOLÓGICO

Para alcançarmos os objetivos do estudo, essa investigação será pautada em uma abordagem qualitativa, baseando-se na compreensão da construção social das realidades investigadas (Flick, 2009) e de natureza descritiva e reflexiva, buscando apresentar detalhadamente aspectos de determinado contexto (Trivinões, 1987).

A fim de delimitar o universo investigado pelo estudo e para melhor entendimento sobre o que a literatura aborda em relação ao tema, realizamos um levantamento bibliográfico em cinco periódicos nacionais que se ocupam com temáticas da educação e Educação Física escolar. São eles: Revista Brasileira de Educação Física Escolar (REBESCOLAR), Revista Movimento, Revista Motrivivência, Revista Pensar a Prática, Caderno de Formação da RBCE e Repositório das produções intelectuais do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF). A escolha pelas revistas e repositório se deu por se tratarem





dos espaços que reconhecem pesquisas da área sociocultural e pedagógica do Qualis CAPES, nosso foco de análise.

O levantamento foi realizado entre os meses de janeiro e fevereiro de 2024. A seleção dos artigos foi feita a partir dos descritores “educação física escolar”, “interseccionalidade”, “raça”, “classe” e “gênero”, combinados com o auxílio do operador booleano *AND* para que os resultados abarcassem simultaneamente apenas os termos empregados. Todos os trabalhos que tivessem esses termos no título, resumo ou palavras-chave foram selecionados para posterior análise. Por fim, estabelecemos um recorte temporal dos 10 últimos anos para a seleção dos trabalhos, sendo o intervalo do ano de 2013 a 2023.

Em um primeiro momento encontramos 46 trabalhos. Após a leitura e análise dos resumos e a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, restaram 15 estudos na amostra final. Sendo os critérios de inclusão: 1) estudos relativos à Educação Física Escolar; 2) apresentar em qualquer parte do corpo do texto o termo interseccionalidade e/ou o encontro de mais de um aspecto identitário (classe, raça e gênero); 3) artigos publicados nos últimos 10 anos. Os critérios de exclusão foram: 1) artigos estrangeiros; 2) estudos que não se encaixaram nos critérios de inclusão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No Quadro 1 apresentamos os 15 estudos selecionados, todos os trabalhos foram lidos na íntegra e tabulados a partir dos seguintes dados: revista em que foi publicado, título do trabalho, autores(as), o uso ou não do termo interseccionalidade no texto, se o artigo trata de uma experiência aplicada ou debate teórico, ano de publicação e os marcadores sociais citados em cada trabalho.

Ainda em relação ao Quadro 1 os artigos selecionados foram categorizados em estudos que tratam de uma experiência aplicada e estudos que abordam um debate teórico. Os critérios utilizados para classificá-los nessas categorias serão apresentados brevemente a seguir. 1) Experiência aplicada: incluem os trabalhos que descrevem unidades temáticas e/ou intervenções pedagógicas; 2) Debate teórico: são aqueles estudos que refletem o tema a nível conceitual.



**Quadro 1** – Descrição dos artigos considerados para análise

Nº	Trabalhos	Revista	Autores (as)	Debate teórico ou experiência aplicada	Ano	Marcadores sociais e/ou Interseccionalidade
1	Relações raciais e de gênero: a Educação Física escolar na perspectiva da alquimia das categorias sociais	Educação: Teoria e Prática	Luciano Corsino; Daniela Auad	Debate teórico	2014	Gênero e raça
2	“Prendam suas bezerras que o meu garrote está solto!” interseccionando gênero, sexualidade e lugar nos modos de subjetivação regionais	Educar em Revista	Priscila Dornelles; Fernando Pochay	Debate teórico	2014	Gênero, sexualidade e regionalidade Interseccionalidade
3	Raça, gênero e a lei 10.639/03 no âmbito da Educação Física escolar: percepções docentes	Artes de Educar	Luciano Corsino	Debate teórico	2015	Gênero e raça
4	Feminismos, interseccionalidades e consubstancialidades na Educação Física	Estudos Feministas	Daniela Auad; Luciano Corsino	Debate teórico	2018	Gênero, sexualidade, classe e raça Interseccionalidade
5	Experiências político-pedagógicas progressistas na Educação Física escolar	Revista Brasileira de Educação Física Escolar	Daniel Teixeira Maldonado	Debate teórico	2021	Gênero, sexualidade, classe e raça Interseccionalidade
6	Transidentidades para uma Educação Física acolhedora	Movimento	Carlos H. Gonçalves; Carlos A. da Silva	Debate teórico	2021	Gênero e sexualidade Interseccionalidade
7	A diversidade nas imagens dos manuais do professor de Educação Física no Brasil	Movimento	Alexandre Paulo Loro <i>et al.</i>	Debate teórico	2021	Raça, gênero e pessoa com deficiência
8	Corpos, gêneros e diferenças: a literatura brasileira enquanto recurso didático-pedagógico nas aulas de Educação Física infantil	Unijuí - PROEF	Viviane Ceratti	Experiência aplicada	2021	Gênero, classe e raça
9	Associações entre gênero, classe e raça e participação nas aulas de Educação Física	Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde	Mariana Martins <i>et al.</i>	Debate teórico	2022	Gênero, classe e raça Interseccionalidade
10	Educação Física escolar e interseccionalidades: da coeducação ao antirracismo	Revista Brasileira de Educação Física Escolar	Luciano Corsino	Debate teórico	2022	Raça, gênero e classe Interseccionalidade
11	Reflexões sobre as relações opressoras na Educação Física escolar	Revista Brasileira de Educação Física Escolar	Ana Paula Pereira, Heidi Ferreira	Debate teórico	2023	Saúde, sexualidade, gênero e raça





12	Diversidade de gênero, etnia e raça na escola: uma possibilidade pedagógica para a Educação Física	UFES - PROEF	Amanda Castro	Experiência aplicada	2023	Raça, classe e gênero Interseccionalidade
13	Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER) nas representações de docentes da rede pública de Educação Física (Altamira/PA)	Foco	Láine Moreira; Maria Angélica Zubaran.	Debate teórico	2023	Classe, raça, gênero e sexualidade Interseccionalidade
14	Cultura das lutas na Educação Física escolar: por uma educação politécnica no IFSP	Cadernos do aplicação	Livia Roberta Velloso <i>et al.</i>	Experiência aplicada	2023	Gênero, classe social, raça, inclusão e religião Interseccionalidade
15	Relato de experiência no projeto de extensão Educação Física escolar na perspectiva inclusiva: o protagonismo estudantil nas lutas	Cadernos do Aplicação	Michele Fonseca <i>et al.</i>	Experiência aplicada	2023	Gênero, raça, pessoa com deficiência

Fonte: construção dos autores.

Ao todo encontramos 15 trabalhos como amostra final. Os resultados desse levantamento apontam que dentre os(as) autores(as) da Educação Física que estão pesquisando sobre a interseccionalidade na última década, destacam-se alguns nomes: Corsino (2014; 2015; 2018; 2020) foi o autor com maior frequência de publicações sobre o tema, representando 27% do total de estudos. Auad (2014; 2018) e Maldonado (2021; 2023) também têm se destacado na pesquisa interseccional no âmbito nacional, assim podemos considerá-los(as) como autores(as) representativos(as) sobre os estudos interseccionais na área da Educação Física escolar. Juntos, os três autores correspondem a mais de 50% dos trabalhos selecionados. Podemos citar Dornelles (2007) como uma pesquisadora do assunto, destacando trabalhos anteriores ao recorte temporal, dentre eles sua dissertação de mestrado citada neste estudo.

Dentro do recorte temporal determinado (2013 - 2023), podemos observar que a maioria dos trabalhos, cerca de 80% da amostra, foram publicados na segunda metade da década, entre 2018 e 2023. Isso aponta para um aumento substancial da produção sobre a interseccionalidade e suas categorias identitárias nos últimos anos, em especial o ano de 2023, com cinco trabalhos publicados: Pereira e Ferreira (2023), Castro (2023), Moreira e Zubaran (2023), Velloso *et al.*, (2023) e Fonseca *et al.*, (2023).





Esse aumento no fluxo de publicações sobre interseccionalidade e/ou a imbricação das categorias identitárias pode ser atribuído à recente incorporação da temática gênero e sexualidade nos Planos de Educação e implantação do Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, Africana e Indígena (Aued; Corsino, 2018). Podemos ressaltar também como sendo um marco grandioso para os estudos sobre a Interseccionalidade o fato do XXI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (CONBRACE) e IX Congresso Internacional de Ciências do Esporte (CONICE) trazer uma mesa inédita intitulada *Feminismo negro, interseccionalidade e resistências: articulações possíveis na Educação Física?*, fez parte da mesa o Grupo de Trabalho Temático 04 (Gênero), o Grupo de Trabalho Temático 11 (Movimentos Sociais) e o Grupo de Trabalho Temático 13 (Relações Étnico-Raciais), criado em 2021 (Corsino, 2022), além do engajamento e luta empreendida pelos movimentos feministas e movimento negro na área da educação.

Ao realizar a leitura dos trabalhos, identificamos que alguns autores(as) utilizam a convergência de marcadores sociais como raça, classe, gênero e sexualidade em suas análises, porém, sem empregar o termo interseccionalidade. Vale destacar que esses artigos não foram excluídos da amostra final. Podemos considerar que, ainda que o conceito da interseccionalidade seja datado de 1989 (Assis, 2019), alguns autores(as) desconhecem e/ou não se apropriaram do termo. Ainda assim, nove artigos expressam a palavra interseccionalidade em seus textos e representam 60% dos trabalhos, o que caracteriza um avanço dos(as) estudiosos(as) da área.

Sobre a frequência com que os marcadores sociais aparecem nos trabalhos é importante destacar que gênero está presente no total da amostra, todos eles tratam das questões de gênero atravessadas por outros marcadores. Sobre essa predominância dos estudos sobre gênero podemos afirmar que, ainda que sejamos constituídos de encontros e conflitos das diversas categorias identitárias, na Educação Física escolar “corpo e gênero dimensionam de forma decisiva os discursos que constituem a separação como uma prática pedagógica imprescindível neste contexto” (Dornelles, 2007, p. 136).

O marcador social raça aparece em 13 estudos, 86% do total de trabalhos, porém, é imprescindível ressaltar que, ainda que na amostra os estudos sobre as questões raciais sejam considerados predominantes, as reflexões sobre o tema passaram e ainda passam por um silenciamento, uma invisibilidade na história da Educação Física brasileira que se forjou como espaço de reprodução do racismo (Pereira; Ferreira, 2023). Ademais, para além das questões





das “misturas” de meninos e meninas nas aulas é necessário se questionar como as relações raciais se inserem e atuam nesse cenário (Corsino, 2022).

Em oito artigos, 53% da amostra, a classe social aparece como um marcador que influencia as relações nas aulas de Educação Física, assim como gênero, vivências motoras, histórias de vida, constituindo de forma diferenciada meninos e meninas (Dornelles, 2007). É importante destacar que, ao contrário dos marcadores gênero e raça que foram temáticas centrais em alguns trabalhos (Corsino; Auad, 2014), (Corsino, 2015), (Corsino, 2022), (Moreira; Zubaran, 2023), a categoria classe social não foi abordada de maneira aprofundada em nenhum dos trabalhos da amostra.

É sabido que a abordagem interseccional foi desenvolvida em meio ao movimento social Feminismo Negro, assim as interseções de raça e gênero e vice e versa são mais mobilizadas e assumem certa centralidade, já classe social assim como as demais categorias são acionadas com menor frequência (Auad; Corsino, 2018), fato que parece repercutir nos trabalhos mais recentes e que pode justificar a ausência ou superficialidade das discussões sobre classe social nos estudos encontrados.

A partir de uma análise interseccional de relações de gênero, classe e raça na participação nas aulas de Educação Física no Brasil utilizando dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), de 2015 e 2019, chegou-se à conclusão que meninas, negros(as) e alunos(as) de escolas públicas têm tempos semanais menores de atividade física nas aulas de Educação Física do que seus pares, mostrando como esses entrecruzamentos atuam e resultam em opressões (Martins; Vasquez; Mion, 2022).

A categoria sexualidade está presente em cinco trabalhos: Dornelles e Pocahy, (2014), Auad e Corsino (2018), Maldonado (2021), Gonçalves e Silva (2021) e Moreira e Zubaran (2023), normalmente abordada simultaneamente aos atravessamentos das questões de gênero. É importante refletir sobre a existência de uma busca incansável por interditar, difamar, inviabilizar e/ou criminalizar qualquer tentativa de se utilizar as palavras gênero e sexualidade nos documentos e em qualquer instância no âmbito escolar (Auad; Corsino, 2018).

O marcador pessoa com deficiência foi citado em dois trabalhos: Loro *et al.*, (2021) e Fonseca, Peres e Ludovino (2023). Loro *et al.*, (2021) analisam em seu trabalho imagens das pessoas nos manuais dos professores de Educação Física e ressaltam a importância da adaptação e revisão constante dos recursos didáticos para que possam veicular imagens de





peças com diversidade funcional, contribuindo de fato, para a inclusão da pessoa com deficiência.

A característica identitária religião aparece em um único trabalho Velloso (2023) problematizando este marcador, juntamente com os demais raça, classe e gênero em uma prática corporal envolvendo lutas. Ferreira e Pereira (2023) trataram das relações opressoras baseadas em saúde abordando os discursos de promoção da saúde, como o combate exacerbado a obesidade como uma nova forma de exclusão. Por fim, o marcador regionalidade abordado por Dornelles e Pocahy (2014, p. 153) que analisaram aspectos da produção discursiva da heteronormatividade a partir da intersecção regional “compreendendo a regionalidade como mais um elemento atuante na produção discursiva definidora das relações locais”.

Os estudos analisados foram divididos em duas categorias a partir do método escolhido para tratar da interseccionalidade. 1) Experiência aplicada: incluem estudos que apresentam um relato de intervenção pedagógica (Quadro 2) e 2) Debate teórico: trazem uma discussão conceitual sobre o tema.

Quadro 2 – Dados dos trabalhos referentes a categoria experiência aplicada

Nº	Trabalho	Ano	Autores (as)	Nível de Ensino	Nº de aulas	Temáticas	Tipo de trabalho
1	Corpos, gêneros e diferenças: A literatura brasileira enquanto recurso didático-pedagógico nas aulas de Educação Física infantil	2021	Viviane Ceratti	Educação Infantil	6 aulas	Corpos, gêneros e diferenças.	Dissertação - ProEF
2	Diversidade de gênero, etnia e raça na escola: uma possibilidade pedagógica para a Educação Física	2023	Amanda Castro	8º ano	30 aulas	Esportes; ginástica; jogos; gênero; sexualidade; racismo; bullying.	Dissertação - ProEF
3	Cultura das lutas na Educação Física Escolar: por uma educação politécnica no IFSP Relato de experiência no projeto de extensão	2023	Livia Roberta Velloso <i>et al.</i>	Ensino Médio	Não apresenta	Lutas	Relato de experiência
4	Educação Física escolar na perspectiva inclusiva: o protagonismo estudantil nas lutas	2023	Michele Fonseca <i>et al.</i>	6º ao 9º ano	Não apresenta	Lutas	Relato de experiência

Fonte: construção dos autores.





Fazem parte da categoria debate teórico a maioria dos trabalhos da amostra, cerca de 73% abordam o termo interseccionalidade e/ou os marcadores sociais. Esses estudos sugerem que o conceito de interseccionalidade contribui para analisar os preconceitos a partir de suas intersecções com os diversos marcadores sociais, pois, é o que gera as diversas opressões, desenvolvimento de um olhar atento, para essas questões e buscando dar visibilidade às relações de poder, questionando os sistemas opressores (Moreira; Zubaran, 2023).

Dos quatro estudos caracterizados como experiência aplicada (Quadro 2), dois são dissertações do ProEF (Ceratti, 2021; Castro, 2023) e dois são pesquisas do tipo relato de experiência (Velloso *et al.*, 2023; Fonseca *et al.*, 2023), o que pode indicar uma tentativa de alguns pesquisadores do ProEF de aproximação em relação ao tema, para promover debates e reflexões pedagógicas a partir do conceito da interseccionalidade e categorias identitárias.

Os estudos acontecem em variados níveis de ensino: Educação Infantil (Ceratti, 2021), Ensino Fundamental - 6º ao 9º ano (Castro, 2023; Fonseca *et al.*, 2023) e Ensino Médio (Velloso *et al.*, 2023), apontando que a interseccionalidade e os marcadores sociais podem ser incluídos nas estratégias pedagógicas em qualquer faixa etária. Podemos considerar uma predominância de estudos no nível de ensino 6º ao 9º ano e uma ausência de estudos sobre experiência aplicada nos anos iniciais do Ensino Fundamental 1º ao 5º ano, talvez em função dos(as) docentes considerarem ser mais complexo trabalhar as categorias raça, classe, gênero, dentre outras nessa faixa etária.

Ainda que no trabalho de Ceratti (2021) a autora não tenha utilizado o termo interseccionalidade, existiu uma tentativa em mobilizar as diferenças e marcadores de identidade que se inscrevem nos corpos e se diferenciam ou se assemelham aos demais, os aspectos étnico-raciais foram desenvolvidos a partir de recursos literários utilizando o enfoque da cultura africana e a história afro-brasileira. Podemos considerar que a estratégia metodológica da autora se mostra como uma opção para trabalhar a temática na Educação Infantil.

A unidade temática aplicada por Castro (2023) foi abordada de maneira detalhada, com duração de 30 aulas, e conteúdos diversos como, esportes, jogos e ginástica. Em algumas aulas foram propostos temas da cultura corporal de movimento como tênis e golfe, em seguida esses temas eram retomados atravessados por questões de gênero, por exemplo, em outros momentos as aulas eram direcionadas para temáticas como bullying e preconceitos.





Os relatos de experiência de Velloso *et al.* (2023) e Fonseca *et al.* (2023), abordaram a temática lutas na Educação Física escolar e, ainda que sem utilizar o termo da interseccionalidade nas aulas, é possível identificar um trato interseccional em suas práticas pedagógicas. Velloso *et al.* (2023) fomentaram discussões de gênero e acesso às práticas corporais, problematizando as questões econômicas e na mesma aula foram abordadas reflexões sobre atletas LGBTQIAP+ na prática dessa cultura corporal. Fonseca *et al.* (2023) também trouxeram debate sobre gênero nas lutas e classe social quando abordaram lutas elitistas como a esgrima.

A partir da análise do estado da arte, podemos considerar que na produção científica da Educação Física escolar existe uma variedade de estudos que discutem as categorias identitárias como raça, classe e gênero. Porém não são muitos os estudos que abordam a imbricação dessas categorias, ainda que sem utilizar o conceito e o termo interseccionalidade, apesar do avanço a área ainda demanda mais estudos. Ademais, observamos que esse fluxo de publicações sobre a interseccionalidade e a Educação Física escolar, ainda que restrito, teve uma crescente nos últimos anos. Esses estudos têm incorporado principalmente as temáticas sobre as questões de gênero e raça, com uma considerável ampliação dos debates sobre o marcador sexualidade.

Destacamos que encontramos poucos estudos que se propõem a incorporar a interseccionalidade a uma experiência aplicada, dialogando com experiências práticas. Nos trabalhos analisados identificamos um primeiro movimento na articulação dessas categorias com as manifestações da cultura corporal nas aulas de Educação Física e ao fim das intervenções elas apresentaram uma avaliação positiva no desenvolvimento de práticas pedagógicas em torno de temáticas tão emergentes, porém muitas vezes invisibilizadas e silenciadas na escola. Deve-se considerar a urgência em encarar essas relações de poder que há tanto tempo estão arraigadas nas aulas de Educação Física escolar, assim, entender a interseccionalidade é papel fundamental para pensarmos a equidade na educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É urgente que saibamos visibilizar os conflitos diante da multiplicidade de opressões que operam nas aulas de Educação Física. É a partir dessas relações de poder que se torna possível debater as questões de gênero, classe, raça e sexualidade (Aua; Corsino,





2018) que atravessam as práticas da cultura corporal, na intenção de formar cidadãos para uma sociedade menos desigual.

Identificar as categorias identitárias de maneira inter-relacionadas, atravessadas simultaneamente por vivências particulares, únicas, e como essas intersecções determinam as disputas que acontecem no ambiente escolar, inclusive no contexto das aulas de Educação Física se mostra como uma importante estratégia para fomentar os questionamentos e possibilidades de mudanças nas relações de poder, a fim de se alcançar o reconhecimento das diferenças (Aua; Corsino, 2018).

O presente artigo trouxe reflexões e apontamentos sobre práticas pedagógicas exitosas tensionadas pelo conceito da interseccionalidade, as quais se mostraram como potentes instrumentos na busca por uma educação para a inclusão e justiça social, ampliando o olhar dos(as) estudantes para o enfrentamento da multiplicidade de opressões que operam nas aulas de Educação Física na escola, mas que ainda são pouco enfatizadas nas publicações da área.

O estudo realizado por meio deste artigo evidencia a tentativa do campo de incorporar a importância dos marcadores sociais da diferença como um tema indispensável para a formação e atuação profissional do(a) professor(a) de Educação Física. Ainda inicial, a apropriação da categoria interseccionalidade pede passagem como um recurso analítico que pode contribuir para uma atuação profissional comprometida com o reconhecimento das diferenças como um elemento central da sociedade brasileira; normalizar uma formação que nos ensine a olhar para ela é um movimento importante que esse dossiê nos possibilita potencializar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo, SP: Pólen, 2019.

ALTMANN, Helena. **Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e) homens da educação física**. 1998. 110f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 1998.

ASSIS, Daiane Nayara Conceição de. **Interseccionalidades**. Salvador, BA: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação a Distância, 2019. E-book.





AUAD, Daniela; CORSINO Luciano. Feminismos, interseccionalidades e consubstancialidades na Educação Física Escolar. **Revista estudos feministas**, v. 26, n. 1, p. 1-13, 2018.

BILGE, Sirma. Interseccionalidade desfeita: salvando a interseccionalidade dos estudos feministas sobre interseccionalidade. **Revista femininos**, v. 8, n. 3, p. 67-82, 2018.

CASTRO, Amanda Alcure. **Diversidade de gênero, etnia e raça na escola: uma possibilidade pedagógica para a educação física**. 2023. 183f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade do Espírito Santo, Vitória, ES, 2023.

CERATTI, Viviane da Silva Dias. **Corpos, gêneros e diferenças: a literatura brasileira enquanto recurso didático-pedagógico nas aulas de educação física infantil**. 2020. 128f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, RS, 2020.

COLLINS, Patrícia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2021.

CORSINO, Luciano Nascimento; AUAD, Daniela. Relações raciais e de gênero: a educação física escolar na perspectiva da alquimia das categorias sociais. **Educação: teoria e prática**, v. 24, n. 45, p. 57-75, 2014.

CORSINO, Luciano Nascimento. Raça, gênero e a lei 10.639/03 no âmbito da educação física escolar: percepções docentes. **Revista Interinstitucional artes de educar**, v. 1, n. 2, p. 247-262, 2015.

CORSINO, Luciano Nascimento. Educação física escolar e interseccionalidades: da coeducação ao antirracismo. **Revista brasileira de educação física escolar**, p. 72-83, 2022.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos feministas**, v. 10, p. 171-188, 2002.

MALDONADO, Daniel Teixeira. Experiências político-pedagógicas progressistas na educação física escolar. **Revista brasileira de educação física escolar**, p. 30-50, 2021.

DORNELLES, Priscila Gomes. **Distintos destinos? A separação entre meninos e meninas na educação física escolar na perspectiva de gênero**. 2007. 156f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2007.

DORNELLES, Priscila Gomes; POCAHY, Fernando Altair. Prendam suas bezerras que o meu garrote está solto! Interseccionando gênero, sexualidade e lugar nos modos de subjetivação regionais. **Educar em revista**, ed. esp., n. 1, p. 117-133, 2014.

FLICK, Uwe. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2009.

FONSECA, Michele Pereira de Souza da; PERES, Mariana; LUDOVINO, Raquel. Relato de experiência no projeto de extensão educação física escolar na perspectiva inclusiva: o protagonismo estudantil nas lutas. **Cadernos do Aplicação**, v. 35, n. 1, p. 1-10, 2023.





FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Cortez, 1996.

GONÇALVES, Carlos Henrique Rego; SILVA, Carlos Alberto Figueiredo da. "Transidentidades para uma Educação Física acolhedora". **Movimento**, v. 27, p. 1-18, 2021.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista ciências sociais hoje**, p. 223-244, 1984.

HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo social**, v. 26, n. 1, p. 61-73, 2014.

LORO, Alexandre Paulo *et al.* A diversidade nas imagens dos manuais do professor de educação física no Brasil. **Movimento**, v. 27, p. 1-18, 2021.

MARTINS, Mariana Zuaneti; VASQUEZ Victor Lacerda; MION, Maria Paula Louzada. Associações entre gênero, classe e raça e participação nas aulas de educação física. **Revista brasileira de atividade física & saúde**, v. 27, p. 1-8, 2023.

MOREIRA, Laíne Rocha; ZUBARAN, Maria Angélica. Educação das relações étnico-raciais (ERER) nas representações de docentes da rede pública de educação física (Altamira/PA). **Revista foco**, v. 16, n. 1, p. 1-13, 2023.

PEREIRA, Ana Paula; FERREIRA, Heidi Jancer. Reflexões sobre as relações opressoras na educação física escolar. **Revista brasileira de educação física escolar**, v. 1, p. 26-40, 2023.

TEIXEIRA, Paulo Marcelo Marini. Tendências da produção acadêmica em ensino de biologia no Brasil: um panorama fundamentado na análise de dissertações e teses. **Revista de ensino de biologia da SBEnBio**, v. 15, n. 2, p. 970-990, 2022.

TRIVINÕS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo, Atlas, 1987.

VELLOSO, Livia Roberta da Silva *et al.* Cultura das lutas na educação física escolar: por uma educação politécnica no IFSP. **Cadernos do Aplicação**, v. 35, n. 1, p. 1-9, 2023.

Dados da primeira autora:

Email: suelen.cortes@educacao.mg.gov.br

Endereço: Rua Nêgo Amâncio, 500, apto. 501, Jardim Patrícia, Uberlândia, MG, CEP: 38414-180, Brasil.

Recebido em: 27/06/2024

Aprovado em: 23/07/2024



**Como citar este artigo:**

CORTES, Suelen Gonçalves de Oliveira; PEREIRA, Mateus Camargo. Rumos da pesquisa brasileira em educação física escolar e a interseccionalidade. **Corpoconsciência**, v. 28, e.17944, p. 1-16, 2024.

